

# Carlos Drummond de Andrade – Prece de mineiro no rio

Espírito de Minas, me visita,  
e sobre a confusão desta cidade,  
onde voz e buzina se confundem,  
lança teu claro raio ordenador.  
Conserva em mim ao menos a metade  
do que fui de nascença e a vida esgarça:  
não quero ser um móvel num imóvel,  
quero firme e discreto o meu amor,  
meu gesto seja sempre natural,  
mesmo brusco ou pesado, e só me punja  
a saudade da pátria imaginária.  
Essa mesma, não muito. Balançando  
entre o real e o irreal, quero viver  
como é de tua essência e nos segredas,  
capaz de dedicar-me em corpo e alma,  
sem apego servil ainda o mais brando.  
Por vezes, emudeces. Não te sinto  
a soprar da azulada serrania  
onde galopam sombras e memórias  
de gente que, de humilde, era orgulhosa  
e fazia da crosta mineral  
um solo humano em seu despojamento.  
Outras vezes te invocam, mas negando-te,  
como se colhe e se espezinha a rosa.  
Os que zombam de ti não te conhecem  
na força com que, esquivo, te retrais  
e mais límpido quedas, como ausente,  
quanto mais te penetra a realidade.  
Desprendido de imagens que se rompem  
a um capricho dos deuses, tu regressas  
ao que, fora do tempo, é tempo infindo,  
no secreto semblante da verdade.

Espírito mineiro, circunspecto  
talvez, mas encerrando uma partícula  
de fogo embriagador, que lavra súbito,  
e, se cabe, a ser doidos nos inclinas:  
não me fujas no Rio de Janeiro,  
como a nuvem se afasta e a ave se alonga,  
mas abre um portulano ante meus olhos  
que a teu profundo mar conduza, Minas,  
Minas além do som, Minas Gerais.

**Carlos Drummond de Andrade, A vida passada a limpo**